

2018/06/05

## A cimeira entre Trump e Kim Jong Un

*Alexandre Reis Rodrigues*

É quase tudo diferente do habitual no processo que levará a um encontro entre Trump e Kim Jong Un, no próximo dia 12. Tão diferente que até nem devemos excluir que ainda acabe por não se realizar, não obstante estarmos a apenas sete dias do acontecimento.



Normalmente, a preparação deste tipo de cimeiras faz-se com extremos cuidados, geralmente em segredo, procurando evitar surpresas que possam fazer “descarrilar” o assunto, ou seja, na prática, o contrário do que temos visto. Regra geral, estes encontros só se concretizam quando, na sequência de negociações demoradas, se consegue chegar a uma base de entendimento que convenha deixar formalizada.

É óbvio que neste caso não há qualquer entendimento. Aliás, nem sequer é objetivo de o encontro tentar chegar a qualquer acordo específico. Trump já reconheceu as dificuldades, não obstante o seu entusiasmo com a oportunidade histórica que tem pela frente, tentando ir mais longe do que os seus antecessores. Sabe que, na melhor hipótese, não é de esperar mais do que o estabelecimento de uma agenda de encontros para discussão futura de alguns pontos concretos, o que, por si só, já é um grande desafio e tarefa que, facilmente, pode deitar tudo a perder.

As expectativas nunca poderão ser altas, porque no tema que, de facto, é central – a desnuclearização da península coreana – as visões das partes são totalmente diferentes. Enquanto os EUA querem ver rapidamente reduzida, senão eliminada, a ameaça nuclear sob que se encontram presentemente, a Coreia do Norte encara a desnuclearização no âmbito de um processo que será sempre demorado e por fases, portanto, sem calendário específico e desfecho claro. Sob esta realidade, as conversações poderão tornar-se uma farsa que não vai levar a qualquer compromisso.

Em qualquer caso, o processo diplomático serve, pelo menos para já, os interesses das duas partes. Para os EUA constitui uma oportunidade de explorar, mesmo sendo remotas as hipóteses de sucesso, a única alternativa ao recurso ao uso da força, opção que, embora ao seu alcance, envolve um grau de complexidade e risco que a torna dificilmente aceitável.

Para a Coreia do Norte, trata-se de mais um passo na saída do isolamento internacional em que o país tem sido mantido, na consolidação do estatuto de Kim Jong Un como um líder mundial,<sup>1</sup> de quem depende, em parte importante, mas pelos

---

<sup>1</sup> Nos últimos dois meses, Kim Jong Un teve dois encontros com o Presidente chinês, outros dois com o Presidente sul coreano, mais dois com Mike Pompeo, primeiro como diretor da CIA, depois como secretário de Estado americano. Prepara-se agora para receber o Presidente sírio que já manifestou o desejo de visitar Pyongyang.

piores motivos, a estabilidade regional numa zona muito sensível, e, finalmente, no reconhecimento implícito do país como uma potência nuclear. Vem como o culminar de um processo pensado para tentar colocar o país numa posição de força antes do início das negociações, não tendo suspenso o programa nuclear - apesar da pressão que enfrentou - e não dando qualquer sinal de que o poderão abandonar. Permite a Kim Jong Un, como líder de uma feroz ditadura que ignora os mais elementares direitos humanos, sentar-se à mesa, em pé de igualdade, com o presidente da potência mundial que tem feito o seu percurso na defesa dos valores democráticos.

Regra geral o mundo encara a cimeira como um desenvolvimento positivo. No imediato, afasta o espetro de guerra de que se esteve bastante perto. China e Coreia do Sul, como os dois países que seriam mais afetados por esse desfecho, empenham-se em fazer com que a diplomacia funcione. Japão, ao contrário, receia que sejam feitos compromissos contrários aos seus interesses de segurança.

Paralelamente, discutem-se, com justificada preocupação, os riscos que corre a credibilidade dos EUA, quer por défice de consistência das políticas relativas ao problema coreano, quer por falhas nas garantias dadas aos aliados e amigos na região de que nunca seria permitido a Coreia vir a ter um arsenal nuclear. Obviamente, credibilidade é um fator que não pode deixar de estar presente nas relações internacionais.

Eventuais cedências importantes, no decorrer das conversações, no campo da exigência de um desmantelamento, total, irreversível e verificável do programa nuclear coreano farão correr o risco de acentuar a ideia de que a postura americana, neste campo, tem sido mais retórica do que prática. Seria um desfecho negativo para os esforços de não proliferação nuclear em que os EUA têm estado envolvidos, se a administração Trump passasse a encarar a questão coreana como apenas um problema de controlo de armamentos, conformando-se com o estatuto de potência nuclear da Coreia do Norte.